



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CENTRO HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CURSO DE PEDAGOGIA**

JULYETY MARTILIANO DA SILVA

**CINEMA E INFÂNCIA: DISCUSSÃO PARA UMA FORMAÇÃO CRÍTICA E
CULTURAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**GUARABIRA-PB
2022**

JULYETY MARTILIANO DA SILVA

**CINEMA E INFÂNCIA: DISCUSSÃO PARA UMA FORMAÇÃO CRÍTICA E
CULTURAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rita de Cássia da
Rocha Cavalcante

**GUARABIRA-PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva, Julyety Martiliano da.
Cinema e infância [manuscrito] : discussão para uma formação crítica e cultural na educação infantil / Julyety Martiliano da Silva. - 2022.
30 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Rita de Cássia da Rocha Cavalcante, Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."

1. Cinema. 2. Infância. 3. Identidade. 4. Papel Social. I.
Título

21. ed. CDD 372.24


CINEMA E INFÂNCIA: DISCUSSÃO PARA UMA FORMAÇÃO CRÍTICA E
CULTURAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.

Orientadora: Prof.^aDr.^a. Rita de Cássia da
Rocha Cavalcante

Aprovada em: 27/07/2022

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a. Rita de Cássia da Rocha Cavalcante (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a M.^a Sheila Gomes de Melo (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a M.^a Francineide Batista de Sousa Pedrosa (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe, que se esforçou bastante em me proporcionar ter uma educação de qualidade, mesmo com tanta dificuldade, sempre ali, me impulsionando e acreditando em meu futuro, DEDICO.

"A igualdade formal que pauta a prática pedagógica serve como máscara e justificção para a indiferença no que diz respeito às desigualdades reais diante do ensino e da cultura transmitida, ou melhor dizendo, exigida." (BOURDIEU, 2010, p.53).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Cena do filme <i>Viagem à lua</i> de George Méliès, 1902.....	17
Figura 2 – Estúdio Cinédia- Bonequinha de seda, 1936.....	18
Figura 3 – Página inicial do site Semente Cinematográfica - Escola Educação Audiovisual, 2021.....	27

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	METODOLOGIA	13
2.1	MÉTODO DA PESQUISA	13
2.2	COLETA DE DADOS	14
3	REVISÃO DE LITERATURA	16
3.1	HISTÓRIA DA SÉTIMA ARTE E O CONTEXTO ATUAL	16
3.1.1	O cinema como instrumento de agregação crítica	19
3.2	A REALIDADE E O PAPEL SOCIAL DO CINEMA	21
3.3	CINEMA E EDUCAÇÃO INFANTIL	23
4	CONSIDERAÇÕES	28
	REFERÊNCIAS	

CINEMA E INFÂNCIA: DISCUSSÃO PARA UMA FORMAÇÃO CRÍTICA E CULTURAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CINEMA AND CHILDHOOD: DISCUSSION FOR A CRITICAL TRAINING AND CULTURAL IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

Julyety Martiliano Da Silva¹

RESUMO

O presente estudo pretende trazer à tona as contribuições do cinema para a formação crítica e cultural na educação infantil. A questão central do estudo é: como lançar mão do cinema e do audiovisual no espaço de sala de aula? Entendendo que, o professor da educação infantil pode trabalhar com o cinema, não apenas exibindo filmes, mas criando as condições para o desenvolvimento de produções cinematográficas pelos próprios alunos, possibilitando a formação da identidade dos estudantes e promovendo o cinema nacional como artefato cultural importante nesse processo. Neste sentido, perceber como funciona essa pedagogia do cinema é um desafio. Enfim, deve-se compreender o lugar da arte cinematográfica como espaço de criação que é a sala de aula, no dinamismo do cotidiano das escolas e na valorização do protagonismo infantil. Desta forma, objetiva-se discutir como o cinema pode contribuir para a formação crítica e cultural dos sujeitos, explorando a realidade social que se caracteriza em diversos aspectos (distribuição desigual de bens e serviços, configuração e ordem, etc). A opção feita foi pela abordagem metodológica qualitativa, de caráter exploratório e natureza bibliográfica, e tomou como fundamentação teórica as leituras de escritos de Pierre Bourdieu (2010), para entender as relações entre o cinema e a sociedade, no que confere ao campo educativo, e como atua a esse respeito na escola, considerou-se também os estudos promovidos pela pesquisadora Adriana Fresquet (2015), o cineasta e autor Jean Claude Bernardet (1990) e Rosália Duarte (2002), no trato sobre o cinema e a educação. E acerca do imaginário infantil nas práticas educativas, por meio de leituras de artigos e periódicos, sobretudo da produção do psicólogo Lev Semenovitch Vigotski (2009). Cabe destacar que, durante o estudo, encontramos iniciativas que contribuem para a valorização de uma educação popular, voltada a uma postura crítica com relação à cultura de um povo, através do cinema nacional com importância para prática cinematográfica e pedagógica na infância, sobretudo em sala de aula.

Palavras-chave: Cinema. Infância. Identidade. Papel Social.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba - Campus III, Guarabira.

Email: julyety.silva@aluno.uepb.edu.br

ABSTRACT

This study aims to bring to the fore the contributions of cinema to critical and cultural education in early childhood education. The central question of the study is: how to make use of cinema and audiovisual in the classroom space? Understanding that the teacher of early childhood education can work with cinema, not only showing films, but creating the conditions for the development of film productions by the students themselves, enabling the formation of the identity of students and promoting national cinema as an important cultural artifact in this process. In this sense, understanding how this pedagogy of cinema works is a challenge. Finally, one must understand the place of cinematographic art as a space of creation that is the classroom, in the dynamism of the daily life of schools and in the valorization of children's protagonism. Thus, the objective is to discuss how cinema can contribute to the critical and cultural formation of subjects, exploring the social reality that is characterized in several aspects (unequal distribution of goods and services, configuration and order, etc.). The choice was made by the qualitative methodological approach, exploratory and bibliographic in nature, and took as theoretical basis the readings of writings by Pierre Bourdieu (2010), to understand the relations between cinema and society, in what confers on the educational field, and how it acts in this regard in school, we also considered the studies promoted by the researcher Adriana Fresquet (2015), the filmmaker and author Jean Claude Bernardet (1990) and Rosália Duarte (2002), in the treatment of cinema and education. And about the infantile imaginary in educational practices, through readings of articles and periodicals, especially the production of psychologist Lev Semenovitch Vigotski (2009). It is worth mentioning that, during the study, we found initiatives that contribute to the valorization of a popular education, focused on a critical attitude towards the culture of a people, through national cinema with importance for cinema and pedagogical practice in childhood, especially in the classroom.

Keywords: Cinema. Childhood. Identity. Social role.

1 INTRODUÇÃO

A tela de cinema é um espaço que captura a atenção da plateia para envolvê-la em um contexto que se difere do habitualmente vivido. Um lugar em que as expressões artísticas podem se manifestar de diferentes modos e formas, explorando a criatividade de seus produtores, para, assim, captar o olhar sensível do espectador que aprecia a exibição com fascínio.

Não sendo lugar de correria, porque ao entrar em uma de suas salas, por vezes o único objetivo pretendido é sentar-se e assistir ao filme escolhido. Diante dessa forma usual pensamos, que seja primordial refletir que a intencionalidade do cinema através dos filmes, vai além disso.

Nesse sentido, o presente estudo pretende trazer à tona as contribuições do cinema para a formação crítica e cultural na educação infantil. Apontando diversas questões que tocam a relação do cinema na educação, destacamos a seguinte: Como lançar mão do cinema e do audiovisual no espaço de sala de aula? ou seja, como o professor que atua na educação infantil pode trabalhar com cinema, não apenas exibindo filmes, mas criando as condições para o desenvolvimento de

produções cinematográficas pelos próprios alunos, pois entendemos que, desta forma o professor/a influenciará na formação de uma identidade dos estudantes trazendo o cinema nacional como artefato cultural importante para essa construção.

Ir ao cinema também pode transmitir uma sensação de pertencer ao cenário. É evidente que, o cinema emprega um instrumento de agregação crítica, como uma ferramenta social, colabora para a construção do conhecimento ao provocar e inquietar as mais profundas emoções, isto é, quando o espectador se depara com cenas que lhe leva a resgatar memórias, aproximando de cada realidade ou desejo individual, muitas das vezes desencadeando um processo de enfrentamento de medos e angústias.

É importante e inegável entender o cinema como algo inerente à sociedade. Portanto, compreende-se que a fonte usada para se fazer cinema, sem dúvida é a sociedade e tudo que nela se produz. O cinema faz parte dela, e ao expressar suas formas, nos faz pensar em situações contemporâneas ou de outrora, essas vivenciadas ou contadas no decorrer da história dos seres vivos. Assim, monta a base para a criação e produção de toda a complexidade, que está presente no meio social. O ato de observar a sua volta, permite enxergarmos de forma mais intensa sobre cada experiência presenciada no espaço social, dando a sensibilidade para interpretação de suas ambiguidades.

O acesso a produções nacionais ainda é inexpressivo de acordo com o *Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro* (2018), produzido pela Associação Nacional de Cinema - ANCINE, visto que a quantidade de filmes nacionais assistidos no país é inferior, com relação ao introduzido pelo mercado internacional, o que facilita o processo de *aculturação*. Segundo o Dicionário de Sociologia (1997), “o referido termo é usado quando há a presença de uma cultura imposta pelos grupos dominantes aos seus subordinados [...]” (JOHNSON, 1997, p. 52).

A escola através do currículo tem um papel fundamental nesse processo, por se tornar transmissora dessa cultura, impondo-a como modo de integração a todos, porém isso não é benéfico para grupos marginalizados, que não conseguem acompanhá-la, por não fazer parte dessa cultura, em que seu meio social se difere daquilo que a escola denominou como necessário para sua formação, sendo que sua realidade não condiz com o que é mostrado nesse espaço, não valorizando a cultura da qual o sujeito traz consigo.

Para Pierre Bourdieu (1970), a escola é um instrumento de acentuação das diferenças, auxiliando no que denomina de “violência simbólica”.

[...] ou seja, o desprezo da cultura popular e a interiorização da expressão cultural de um grupo mais poderoso economicamente ou politicamente por outro lado dominado, faz com esses percam sua identidade pessoal e suas referências, tornando-se assim fracos, inseguros e mais sujeitos à dominação que sofrem na própria sociedade. (STIVAL; FORTUNATO, 2008)
[grifos do autor]

A escola muitas vezes favorece a indivíduos que em seu círculo familiar estão imersos em uma *cultura legitimada*, ou seja, a cultura apresentada como válida, aceita socialmente.

Com isso, os que não estão inseridos ou representados nesse modelo de cultura acabam às margens da sociedade. Nas crianças, isso afeta de forma negativa

o seu desenvolvimento, a escola não é vista como lugar de aprendizado, a sua dificuldade se sobressai ao tentar se inserir no modelo de cultura, criando uma barreira para a educação desse indivíduo e no processo de preservação de uma identidade cultural. O potencial cultural do sujeito é deixado de lado, em relação à cultura imposta a ele, o impedindo de ter uma noção de pertencimento, seu ambiente cultural não corresponde com o que é a ele atribuído na escola². (BOURDIEU... [ca 2010])

Entretanto, com o uso da arte em suas diversas formas, poder-se-ia romper com essa lógica e proporcionar uma aproximação no seio de sua cultura, auxiliando para o processo de tomada de consciência, através da construção de uma mente crítica, atuante no lugar do qual este se encontra na sociedade, possibilitando uma visão reflexiva do contexto que permeia as suas vivências.

Contudo, Duarte (2002, p.20) destaca que, por vezes, os livros são considerados “bem fundamentais” para o ensino, mas os filmes são vistos apenas como “coadjuvantes”, ou seja, apenas auxiliam os educadores nas políticas e propostas educativas, caracteriza-o como apenas recurso adicional, um complemento para o aprendizado.

Diante disso, questionamos: até quando os educadores terão essa ideia a respeito dos filmes? Evidentemente que, os livros são sem dúvida importantes para a educação, mas precisamos entender que o conhecimento vai além dos livros, este pode ser encontrado também nos filmes e em outros recursos.

Nota-se que, é fundamental refletir sobre uma educação que explore os diferentes formatos de ensinar. Mas, é preciso sobretudo, também pensar em uma educação para valorizar as diferentes formas de aprender.

A partir daí, percebe-se a necessidade de compreensão da arte cinematográfica como instrumento agregador no conhecimento crítico, para a preservação de uma identidade cultural, entendendo o acesso a filmes nacionais e a implantação de práticas que instiguem o cinema não apenas como entretenimento, mas, como colaborador para o crescimento pessoal, frente às desigualdades econômicas e sociais, caracterizadas pela diferença de acesso aos bens culturais.

Acreditamos no potencial que o cinema tem para a formação dos sujeitos, em seu modo de pensar, agir e está no mundo, compreendendo os audiovisuais como meios importantes que possibilitam o exercício da capacidade imaginária e criativa das crianças desde muito pequenas. Mais também entendendo que:

Os filmes são produções em que a imagem em movimento, aliada às múltiplas técnicas de filmagem e montagem e ao próprio processo de produção e ao elenco selecionado, cria um sistema de significações. São histórias que nos interpelam de um modo avassalador porque não dispensam o prazer, o sonho e a imaginação. Elas mexem com nosso inconsciente, embaralham as fronteiras do que entendemos por realidade e ficção. Quando dizemos que o cinema cria um mundo ficcional, precisamos entendê-lo como uma forma de a realidade apresentar-se. (FABRIS,2008, p.118)

² Ver a discussão apresentada no Youtube: “Sou repórter”. Pierre Bourdieu e a educação. Youtube, 29 set.2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4O7TET2IGHs&t=20s> Acesso em:05 jul.2022.

Esse olhar sobre as produções cinematográficas deve possibilitar a compreensão da importante contribuição do cinema à formação de consciência, cabendo ao docente alimentar o gosto e o conhecimento por essa arte incluindo-a em seu fazer pedagógico.

Enquanto abordagem metodológica o presente estudo primou pela pesquisa qualitativa em educação de caráter exploratório de natureza bibliográfica, baseada nas leituras de escritos de Pierre Bourdieu (2010), para entender as relações entre o cinema, a sociedade e a educação, com destaque para escola conservadora; nos estudos de Adriana Fresquet (2015), do cineasta e autor Jean Claude Bernardet (1990) e Rosália Duarte (2002), no trato sobre o cinema e a educação. E a acerca do imaginário infantil, que se consolida com as práticas educativas, como também de leituras de artigos em periódicos que tratam do tema, sobretudo dos escritos do psicólogo Lev Semenovich Vigotski (2009), comentados pela doutora Ana Luiza Smolka que esclarece sobre a criação do imaginário infantil.

O intuito desse trabalho é discutir como o cinema pode vir a contribuir na formação crítica e cultural dos sujeitos, ao explorar a realidade social que se caracteriza em diversos aspectos (distribuição desigual de bens e serviços, configuração e ordem). Ou seja, entender como o cinema na educação pode valorizar as produções culturais, por meio do conhecimento da arte de fazer filme, para assim bem relacioná-la com a vida social dos educandos ao explorar a realidade, através de uma educação popular, na preservação da identidade cultural.

Durante o estudo, veremos iniciativas que contribuem para a valorização de uma educação popular, voltada a uma postura crítica com relação à cultura de um povo, através do cinema nacional. Investigando a importância da prática cinematográfica, e como se dá a atuação do cinema na infância, por meio de uma perspectiva pedagógica. Para assim, compreender o papel social do cinema, como um objeto de transformação e descobertas que incentiva a criatividade e o senso artístico, mas também pode relacionar-se a persistência de certos paradigmas sociais com a não preservação de costumes e valores, presentes nas memórias e na identidade que cada sujeito carrega.

Nesse sentido, o estudo trará por meio de seus tópicos, aspectos relacionados ao cinema em sala de aula, apresentando reflexões acerca das teorias do cinema e educação, do imaginário infantil e da história do cinema sobre sua trajetória ao longo dos anos, trabalhando a noção do que é realidade e qual o papel social do cinema. Mas, antes será detalhada a metodologia do trabalho, como se deu a coleta de dados. E ao final, serão colocadas as considerações finais e referências citadas ao longo de todo o texto.

2 METODOLOGIA

2.1 MÉTODO DA PESQUISA

Este trabalho é uma pesquisa qualitativa em educação de caráter exploratório com natureza bibliográfica.

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. [...] Muitas vezes as pesquisas exploratórias constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla. (GIL,2019, p.26).

Malheiros (2011, p.81) aborda a pesquisa bibliográfica a partir de seu objetivo, esclarecendo da qual se está valendo, mediante ao levantamento de diferentes fontes que confrontam os resultados que são ali apresentados.

As informações foram coletadas de modo eletrônico, através do levantamento da literatura produzida sobre a temática no país, com a leitura de livros nacionais e artigos publicados em periódicos de ampla divulgação, sendo essa a base principal para o estudo.

Os dados requeridos pela pesquisa são obtidos em diferentes naturezas. [...] Podem, ainda ser de natureza bibliográfica, quando são obtidos mediante textos elaborados com finalidade explícita de serem lidos. São, pois, dados obtidos mediante a leitura de livros, artigos de periódicos, anais de eventos e impressos diversos. (GIL, 2019, p.28).

Os critérios para seleção, organização e análise foram aqueles alinhados com os objetivos propostos para a pesquisa, centra-se nos estudos de natureza bibliográfica que tratam do cinema na educação com ênfase para a criação de filmes desde a infância. Malheiros (2011 p.81) trata acerca dos critérios de seleção da seguinte forma: “[...] consiste em identificar, comparar, confrontar os resultados de pesquisas para se chegar a uma visão.” (MALHEIROS,2011, p.81).

As pesquisas de cunho qualitativo se diferenciam das quantitativas não apenas por sua coleta de dados, mas também pela ordem interpretativa destas. Entende-se que, a pesquisa qualitativa busca familiarizar-se através das experiências das pessoas, que seus resultados são feitos em decorrência de descrições verbais, que podem se caracterizar sobre as concepções dos próprios atores sociais. (GIL 2019).

2.2 COLETA DE DADOS

A análise dos dados foi feita a partir de uma revisão teórica, de modo eletrônico, mediante os critérios de seleção, por meio da análise de materiais digitais e impressos.

As revisões teóricas, como diz o nome, focam-se em buscar as teorias que já foram propostas ou analisadas em um determinado campo. Seu objetivo é apresentar e confrontar não só as diversas teorias identificadas, mas também seus argumentos de sustentação e suas principais críticas. (MALHEIROS,2011 p.125).

Os critérios utilizados para a seleção dos materiais coletados foram: a) Abordagens sobre a relação da prática audiovisual com o ensino aprendizagem desde a infância; b) Cinema como instrumento de agregação crítica e cultural; c) Sobre importância do audiovisual para o contexto de sala de aula; d) Estudos acerca da cultura e sua interferência nas relações sociais, dando ênfase no que confere à educação; e) Estudos realizados durante 1990 a 2018, sobre a educação e o cinema;

Com relação ao item a), evidenciou por meio das obras consultadas, diferentes estratégias que possibilitam essa junção entre o audiovisual e o ensino e aprendizado. Nos itens b) e c), pode-se perceber a importância da prática cinematográfica para cultura e sua agregação para a formação crítica, se assim bem trabalhada no espaço escolar. Já no item d), constatou-se com as leituras, as relações do meio social com a educação, como as duas, andam lado a lado. E no item e), foram identificadas obras relevantes e que se aproximam umas das outras no que confere a temporalidade e cenário a qual cada uma foi escrita.

O conteúdo foi levantado através de plataformas como Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google Acadêmico, Portal de periódicos (CAPES) e Academia Letters, Rede Kino, entre outros.

QUADRO 1- Catalogação de obras utilizadas para o estudo

Título	Autor/a	Ano
O que é cinema?	Jean Claude Bernardet	1990
Múltiplas inteligências na prática escolar	Katia Cristina Stocco Smole	1999
Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também.	Elisabeth Ellsworth	2001
Cinema e Educação	Rosália Duarte	2002
Modos de endereçamento e a recepção do texto cinematográfico	Lílian Rodrigues da Cruz Neuza Maria de Fátima Guareschi	2007
Cinema e Educação: um caminho metodológico	Elí Henn Fabris	2008
Imaginação e criação na infância: Ensaio psicológico: Livro para professores	Lev S. Vigotski	2009
Escritos da educação	Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (org.)	2010
Lanterna Mágica-Infância e cinema infantil.	João Batista Melo	2011
Imaginação arte e ciência na infância	Gilka Girardello	2011
Currículo de cinema para escolas de educação básica.	Adriana Fresquet	2013
Cinema e educação: Lei 13006.Reflexões, perspectivas e propostas	Adriana Fresquet	2015
Dominação e Reprodução Na Escola: Visão de Pierre Bourdieu	Maria Cristina Elias Esper Stival. Sarita Aparecida de Oliveira Fortunato	2015
Cinema e Educação: Fundamentos e Perspectivas	Rogério de Almeida	2017

Fonte: elaboração própria,2022.

A coleta de dados ocorreu durante o período letivo que se iniciou no mês de junho de 2021 e terminou no mês de fevereiro de 2022. Os dados coletados passaram por uma *leitura seletiva*³, viabilizando trechos relevantes e sua importância para o trabalho, sendo utilizado fichas de leitura. As fichas continham: cabeçalho, referência bibliográfica, pequeno resumo (por capítulos das obras), e algumas citações do texto original. Concentrou-se apenas em estudos que se focalizaram no objeto de investigação, mas não na totalidade desse.

As fichas de leituras foram feitas a partir da seleção dos capítulos, a cada capítulo lido se fez um breve resumo, com o grifo das citações e referência da obra, essas direcionadas à proposta do trabalho.

Gil (2019, p. 81), enfoca na importância do fichamento e aponta dois tipos de fichas: as bibliográficas e de apontamentos. Ele esclarece que às bibliográficas podem tanto trazer um resumo, quanto uma apreciação crítica, mas também servem

³ Segundo Gil (2019, p.80), este tipo de leitura consiste em selecionar as partes de um texto, segundo o interesse para a pesquisa.

para registrar as referências bibliográficas. Já as de apontamentos servem para anotar ideias por meio da leitura feita da obra.

Por fim, o estudo focou na leitura de alguns capítulos. Os materiais que não foram utilizados para estudo (partes de algumas obras, assim explicadas anteriormente) se fez uma leitura superficial. Malheiros (2011), esclarece sobre esse tipo de leitura:

A leitura superficial é um tipo de leitura que foca no resumo e no sumário da obra. Seu objetivo é compreender se o texto que é analisado condiz com a pesquisa que será desenvolvida. Após as leituras superficiais de todos os textos que foram selecionados é possível identificar aspectos faltantes e, com isso, partir para a complementação desses textos de trabalho. (MALHEIROS, 2011, p.119)

Convém considerar que as partes que não foram utilizadas pelo estudo apresentam divergência com os objetivos e os critérios de seleção construídos durante a pesquisa.

3 REVISÃO DA LITERATURA

3.1 HISTÓRIA DA SÉTIMA ARTE E O CONTEXTO ATUAL

A história do cinema revela uma trajetória rica, sendo de grande valia para sociedade e no estudo da arte e da cultura. Seus avanços demonstraram o quão variado é o mundo das artes, explorando diferentes formas culturais por meio da imagem em movimento.

O autor Jean Claude Bernardet, em seu livro, *O que é cinema?* (1990), faz uma breve narrativa sobre a criação do cinema, apontando em seus estudos sobre a história do cinema, que a primeira projeção de um filme foi em um café (Grand Café, na França, em Paris), no ano de 1895, pelos irmãos Louis e Auguste Lumière, mais precisamente no dia 28 de dezembro de 1895. Nessa exibição, aconteceu algo inusitado a partir de um dos filmes exibidos. A cena de um trem chegando na estação, causou na plateia que assistia, um espanto ao sentir a “impressão de realidade” produzida pela imagem em movimento da locomotiva que vinha em direção ao público.

A partir disso, o autor (1990) faz uma análise dos aspectos históricos e culturais do cinema, mostrando os avanços alcançados acerca da arte de criar filmes. Esclarece sobre a visão que os irmãos Lumière (os inventores do cinematógrafo e responsáveis pela primeira exibição de um filme) tinham a respeito de sua criação era muito limitada, estes não enxergavam potencial do cinema como espetáculo, apenas o via como algo que seria passageiro, que serviria com intuito de pesquisa e estudo sobre a captação do movimento, e nada além disso eles acreditavam que se esperava do cinema. (BERNARDET, 1990).

Afirma também Bernardet (1990), que o mágico George Méliès compartilhava de outra concepção sobre cinema, conversando com os irmãos Lumière em uma de suas exibições, pois tinha como propósito adquirir o *cinematógrafo*, mas nada do que ele falou foi considerado, haja visto que para os Lumière o espetáculo não era algo a se pensar.

Por persistência, George Méliès, acabou conseguindo por outros meios se aproximar do cinema, o que possibilitou criar outras concepções sobre o fazer cinematográfico. Méliès, um mágico, foi responsável por fazer aparecer obras fantásticas a partir de um acontecimento inesperado em uma de suas filmagens corriqueiras e que resultou em umas das técnicas de efeitos especiais bastante

utilizada por muitos cineastas atualmente, denominada de *stop-motion* ou movimento parado em português.

Com talento e visão de futuro de Méliès, fomos agraciados com belas obras de ficção, sendo ele um dos primeiros a criar um filme do gênero e intitulado *A viagem à lua* (1902), considerado uma verdadeira obra prima do cinema.



Figura 1-Cena do filme *Viagem à lua* de George Méliès, (1902)
Fonte: https://www.pensador.com/melhores_filmes_franceses/

Ao expor um pouco da história da sétima arte, vemos que foram grandes os percalços para o cinema ser o que é hoje. Ao analisar esse período também é possível perceber a perspectiva de um cinema como bem cultural que foi construído a partir do controle dos meios estabelecidos pela burguesia, que por sua vez tratou de transformar o cinema num instrumento de dominação ideológica.

Bernardet (1990, p.127), entende essa apropriação da burguesia (por assim dizer), tal qual se fez o uso da arte, que causou deslumbramento com a ideia de “reproduzir da vida tal como é”, ou como possível ilusão do que realmente é a realidade, reproduzindo também a visão do homem, através da imitação para gregos *Mimesis* e na releitura do termo, se tornou a representação do que é real segundo o filósofo Aristóteles.

Ao observar de forma cronológica os acontecimentos no Brasil acerca da cinematografia, constata-se que o primeiro contato com o cinematógrafo foi em 1896, e dois anos após (1898) se caminhava para a construção de nosso cinema. Entre 1908-1911, intensifica-se a produção de curtas metragens, que retratam vistas de paisagens, ao passo que se iniciava a produção de longas-metragens de ficção nacionais (DUARTE,2002, p.32). Mas ao chegar às produções internacionais, de certo modo, o cinema nacional ficou debilitado, e só pode “reerguer-se” na década de 1920.

Mesmo que o cinema brasileiro fosse um exemplo de qualidade, como cita Duarte (2002), ao referir-se ao cinema mudo brasileiro, ainda assim este continuava no patamar de marginalização. Isto porque comercialmente os filmes produzidos aqui, não eram páreo para os estrangeiros. Mesmo que ao se falar da companhia cinematográfica Cinédia (1930), percebe-se sua influência para o crescimento do cinema brasileiro que permitiu que alguns filmes considerados os melhores produzidos nacionalmente fossem lançados para o público em geral.



Figura 2- Estúdio Cinédia- Bonequinha de seda, (1936)

Fonte: <https://www.nossacasa.com.br/blog/uma-breve-historia-do-cinema-brasileiro/>

Podemos abrir destaque também para a iniciativa estatal tomada no ano de 1937, que criou o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), pelo presidente Getúlio Vargas, com o objetivo de incentivar a produção de filmes nacionais, para promover a cultura brasileira, sendo este o primeiro órgão estatal brasileiro a ter feito algo voltado para o cinema nacional (DUARTE, 2002).

Contudo, será que podemos dizer que isso ocorreu como forma de preservar a cultura aqui existente? A resposta a essa questão, levando em conta o contexto histórico do país naquela época, revelará que o cinema fora usado para fins políticos, na propagação de uma valorização nacionalista como ideologias do Estado, funcionando enquanto mecanismo de coesão social⁴.

Rosália Duarte (2002) ainda afirma que, no que confere a apreciação ou “o gosto pelo cinema”, de nada tem a ver com algo intrínseco do indivíduo, mas com um “sistema de preferência” que se dá mediante a origem social e familiar de cada sujeito, colaborando para uma valorização da arte cinematográfica por esse grupo pertencente às altas camadas sociais, que vem dispor de maiores oportunidades para assistir filmes.

Diante disso, a facilidade em adequação à cultura se dá devido à condição social e aos privilégios, o que só favorece aqueles que estão em melhor posição social. Uma ideia cultural imposta pela elite, para desvalorizar a cultura popular, associando esta com a cultura de massa.

Conforme Chauí ([1986], p. 9-10), a Cultura Popular não tem uma definição clara, trazendo o questionamento: “a cultura popular é sobre o povo ou para o povo?”, também aponta sobre o sentido de “popular” que é uma designação de quem a determina, não sendo utilizada por aqueles que a produzem, mas, por membros de outra classe para se referir às formas de expressão cultural tidas como “inferiores”.

Entretanto é um equívoco, pois se consegue listar diferenças entre ambas. A *cultura tradicional popular* nasce por meio da tradição de um povo e etnia e no espaço familiar, se integrando as riquezas de suas origens e vivências. Já a *cultura de massa* é propagada pelos meios de comunicação e aceita por grande parte da sociedade, os quais, grupos subordinados aceitam a arte de forma a seguir modelos, desvinculados com seu meio, engessada, que vigora como instrumento de

⁴ Leia o artigo “ESTADO E CINEMA: A PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA NA ERA VARGAS” de Gregio e Pelegrini (2017). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/cordis/article/view/39710/26884>

dominação, e mesmo que de forma diversificada, passa a ser construída de acordo com o que está no Up⁵ do momento.

Os filmes nacionais a partir do movimento Cinema Novo tornaram-se costumeiros em mostrar a cultura popular nas telonas, seja por meio de um documentário ou um filme fictício. Muitos são os exemplos de produções que ressaltam aspectos cotidianos da realidade da classe trabalhadora, documentários que trazem o que de mais profundo a cultura apresenta, isso implica em mostrar os preconceitos e as desigualdades que são bem evidentes no país.

O documentário *Estou me guardando para quando o carnaval chegar (2019)*⁶, revela aspectos da realidade social dos trabalhadores da cidade de Toritama-PE, na fabricação do jeans, aspectos esses que nos incomodam, pois embora os trabalhadores pareçam estar felizes, percebe-se nitidamente traços de exploração e desigualdade social, revelando como estes personagens com poucos recursos financeiros, entendem por finalidade do trabalho a uma época festiva (ir à praia e desfrutar do carnaval), sem se importar com condição financeira e social, como forma de apreciar uma única vez dessa cultura, depois de meses de trabalho árduo.

Outro exemplo de sucesso estrondoso, foi baseado nas obras de Ariano Suassuna, a minissérie *O Auto da Compadecida (1999)*⁷ com 4 capítulos, que mostra através da comédia e do drama, acontecimentos relacionados com a tradição popular, baseada na pobreza e violência existente no nordeste do Brasil, como também as credences e valores da real cultura popular. Essas relações aproximam o espectador da trama construída no filme. Podemos ver como a tradição popular é algo fundamental nessa obra, pois conserva a realidade mesmo que sofrida de determinada região, não como forma de agrandar ou ridicularizar, mas de apresentar os apegos populares e seu valor enquanto arte.

Segundo Bourdieu (2010, p.41), “cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural [...] que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar.”

Neste sentido, compreender que a cultura está ligada à consciência de classe, que baseada em experiências, permite o aprofundamento, torna-se primordial para despertar a capacidade crítica dos sujeitos. Convém compreender que, a família é o primeiro ambiente social, no que confere a este lugar certas influências estimuladas, e essas influências colaboram para a construção do intelecto do indivíduo.

A escola é outro ambiente responsável por permitir que o sujeito desenvolva certas experiências, através da interação e socialização com os outros. Contudo, o “capital cultural” é um elemento que não só transmite o que é ou não cultural, mas também afeta aqueles de classes vulneráveis que tentam desafiar o *status quo*.

3.1.1 O cinema como instrumento de agregação crítica

Os estudos que conferem o papel do cinema como instrumento de agregação crítica, trazem pontos em comum como Almeida (2017) resalta em seu artigo *Cinema e educação: fundamentos e perspectivas*, que há uma “pedagogização do cinema”.

⁵É uma gíria usada na rede social, para colocar uma postagem no topo, geralmente os usuários a utilizam quando querem subir a posição do assunto na mídia social.

⁶Disponível na Netflix em: <https://www.netflix.com/br/title/81180842>.

⁷Disponível no Globoplay em: <https://globoplay.globo.com/o-auto-da-compadecida-a-serie/t/C5RbqKhV5L/>.

Tudo pode ser pedagogizado, isto é, qualquer coisa inicialmente alheia à escola pode ser usada para se atingirem os fins pedagógicos historicamente assumidos pela instituição. Do rap ao Facebook, do jogo ao cinema, tudo pode ser instrumento de ensino. A pretensa abertura da escola à tecnologia, sua busca pela inserção do novo, é incapaz, no entanto, de produzir o novo, já que seu *modus operandi* permanece inalterado. (ALMEIDA, 2017, p.6)

Os autores discutem sobre o cinema, mas a todo momento procuram mostrar como dele pode-se tirar proveito. Isso é natural do ato de docência, mas também pode pressupor visões equivocadas em alguns casos, claramente não se aplica a este, pois ao longo do estudo fica evidente como o cinema está integrado com a educação, mas sem relação de dependência, cada um possui sua autonomia na formação do sujeito, no caso do cinema esta autonomia é bem mais subjetiva. Se consegue constatar que ao decorrer dos capítulos é discutido como isso poderia conciliar com a relação prática e cotidiana de uma sala de aula.

Entender o processo de adequação da prática cinematográfica se tornou obrigatório já que está expresso em forma de lei 13.006/2014 para exibição de filmes. Entretanto, faz-se necessário certos domínios e recursos para que a educação pública atenda a todos com qualidade.

No livreto acerca da lei organizado pela Adriana Fresquet, em 2015, no texto: *Da obrigatoriedade do cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a Lei 13.006/14* é elencando três crenças sobre a relação educação e cinema: “primeira, na possibilidade do cinema em intensificar as invenções de mundo; segunda, na escola como espaço propício para essas invenções; e terceira, na criança e no jovem com espectador;” (FRESQUET, MIGLIORIN, 2015, p.07).

Nessa primeira crença se compreende que o cinema pode influenciar na forma que enxergamos as coisas e o mundo ao nosso redor, como articulador das vivências dos estudantes, o que gera aprendizado. Na segunda desloca o olhar para a escola como propagador dessas vivências, e responsável por promover cultura, o que segundo o próprio texto provoca riscos e pode perturbar a ordem do que é imposto. A terceira se concentra na maneira como isso irá conduzir o estudante, quais serão suas demandas e necessidades a partir dali. (FRESQUET, MIGLIORIN, 2015).

O que não significa dizer que ao assistir a um filme sobre acontecimentos históricos por exemplo, tenha-se a base para uma discussão aprofundada do assunto, se faz necessário outras formas de estudo e é por isso que tratar de cinema na educação deve ser algo cauteloso, não é o simples ato de assistir com seus alunos/as a uma produção que vai permitir que estes desenvolvam sozinhos o conhecimento. É primordial que haja planejamento e certo domínio, que sirva para problematizar o que é posto, estimulando a pesquisa e a comprovação da veracidade daquilo debatido, o conhecimento se constrói e não se cria ao acaso. Explorar os elementos audiovisuais também é uma forma de construir conhecimento, como bem é colocado ao decorrer da pesquisa. E exercitar essas práticas, permitem às crianças experienciar situações que interajam com o espaço ao seu redor, situando-as e colaborando para uma sensação de pertencimento, a qual coopera para a preservação de uma identidade.

A realidade trabalhada pelo senso comum com relação a arte é algo interessante, esta vem sendo discutida durante o debruçar desse trabalho, a visão de arte entendida não é nada boa, embora sabemos que a arte vai além da beleza como é construída, com cinema não é diferente tal como é visto e classificado como artístico ou não, tem se a necessidade de compreender que não é o simples ato de

contar estórias que nos agradam, mas também no modo como interpretamos dado o fato que não é agradável, catalogar se é arte ou não, pode ser perceptível, pois a arte precisa ter o poder de inquietar que despertar o que de mais terno está guardado, fazer sentido. E é nessa busca de sentido, que nos deparamos com um ponto discutido no trabalho, como levar sentido por meio do cinema? Como podemos aproximar as produções de nossos alunos/as?

Ao chegarmos nessa etapa, não basta mudarmos nossa metodologia, mas entender como funciona o processo de identificação e produção de sentido, a ideia de endereçamento que será trazida durante o texto, diz muito sobre como o cinema cria a partir dos filmes certa conexão com seu público, e no que confere à educação, vê-se que conectar as ações e endereçá-las a uma área não é algo muito complicado. A noção que se tem de endereçamento também demonstra que não é algo certo, pois há múltiplas formas em que um filme possibilita uma conexão com seu espectador. Da mesma forma podemos relacionar com a prática educativa, como o cinema, pode variar ao entender que a sala de aula não é apenas cinza e sim colorida, composta com uma diversidade de intelectos.

O cinema como ferramenta de ascensão social de que tanto se fala, ainda é uma falácia, posto que, atualmente a questão do acesso limita-se a uma simples pesquisa por filmes em site de busca na internet. Desta forma, possibilitou-se o acesso a filmes disponibilizados, sem uma democratização no acesso às salas de cinema.

Esse ponto demonstra como os problemas sociais se relaciona com o cinema e a cultura, ao encarar de frente essa limitação do acesso, mas também a maneira como a escola discute o que é cultura, e como essa cultura é colocada, muitas das vezes não se levado em conta a “bagagem” trazida pelo estudante, e suas origens são deixadas de lado.

Bourdieu (1970) discute bem isso, ao falar sobre o conceito de violência simbólica praticada pela escola. Isso porque a escola seleciona alunos/as a partir da ideia de *dom*, algo que se dá por um talento e capacidade natural daquele indivíduo. Mas ao compreendermos o cenário de desigualdade social e a questão que confere a consciência de classe, entendemos que essa seleção é cruel e segregadora. O que nos dá a possibilidade de mudar esse contexto pelo ato pedagógico, dando instrumentos para esses sujeitos produzirem sua própria história.

3.2 A REALIDADE E O PAPEL SOCIAL DO CINEMA

A arte necessita de certo modo, fazer sentido para as pessoas, para que através disto, consigam assimilar de forma efetiva na vida, possibilitando mudanças reais, como menciona Carrière (1995):

As conversões usadas pelo cinema precisam ser “aceitas” pelo público para que faça sentido. E esse aceite depende, intrinsecamente, dos padrões culturais, valores, costumes e normas sociais em que estão imersos os filmes e seus espectadores. (CARRIÈRE, 1995 *apud* DUARTE, 2002, p.51)
[grifos do original]

A realidade é algo muita das vezes não apreciado, posto que vivemos em um mundo que possibilita vermos as “duas faces da moeda”, ou seja, enxergar o que é real ou não, em um mundo cheio de multiplicidade, mas na maioria das vezes estamos presos em certas “bolhas” que nos impede de fazermos essa distinção.

A alegoria da caverna de Platão, no capítulo VII da República (380 a.c.), nos mostra bem isso, homens estão presos no fundo de uma caverna, acorrentados de tal modo que não conseguem se mover, ao ver a luz que é refletida na parede (esta vem de uma fogueira em uma colina), confabulam teorias para as figuras que se movem através da luz que é projetada na parede da caverna. Os homens estão presos de modo que não conseguem ver o que tem fora da caverna, um deles consegue se soltar e fica maravilhado com o mundo real. Este, volta para a caverna a fim de contar aos homens que lá continuam presos, mas estes não os dão ouvidos, e preferem continuar no mundo ilusório de ignorância, pois não veem além do que podem enxergar.

Assim, ao observar a alegoria, podemos perceber que continuar em um mundo de ilusão pode ser uma escolha, o conformismo depende também de escolhas e posicionamentos individuais, o que implica na permanência de paradigmas sociais.

O cinema cria histórias, que acabam por ser convenientemente aceitas, o que contribui para a produção de sentidos, mas são esses sentidos que a depender da forma que lhe é direcionada, apenas ilude mediante aos desejos individuais dos sujeitos.

É a partir do conhecimento sobre a cultura e a sua constituição dentro da sociedade, que podemos entender melhor como cada parte da engrenagem que compõe o sistema escolar funciona, viabilizando uma atuação de forma ativa no espaço de vivência, o que possibilita entender as carências e as necessidades de cada região. Partindo desse ponto, a ideia que temos a respeito da escola, como responsável por libertar o sujeito e promover a ascensão social pode ser desmistificada, fator que nos leva a analisar a escola como “legitimadora das desigualdades”, como enfatiza Bourdieu (2010, p.41):

É provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando, ao contrário tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural. [Grifos do original]

A escola estabelece critérios de seleção para distinguir os alunos/as que são ou não capazes dado ao seu *dom social*, por meio da habilidade que estes têm de se adequar ao conhecimento mediado.

Assim, compreende-se por que a pequena burguesia, classe de transição, adere mais fortemente aos valores escolares, pois a escola lhe oferece chances razoáveis de satisfazer a todas suas expectativas, confundindo os valores do êxito social com os do prestígio cultural. Diferentemente das crianças oriundas das classes populares, que são duplamente prejudicadas no que respeita à facilidade de assimilar a cultura e a propensão para adquiri-la, as crianças das classes médias devem à sua família não só os encorajamentos e exortações ao esforço escolar, mas também um *ethos* de ascensão social e de aspiração ao êxito na escola e pela escola, que lhes permite compensar a privação cultural com a aspiração fervorosa à aquisição de cultura. (NOGUEIRA; CATANI, 2010, p.48).

Podemos perceber a partir das discussões aqui estabelecidas, o papel do privilégio, das famílias que se apropriam do capital cultural, sendo este determinante

no cerne (íntimo) dos sujeitos, associada com a *herança cultural* a estes passada, o que colabora para o êxito escolar.

A ação do privilégio cultural só é percebida, na maior parte das vezes, sob suas formas mais grosseiras, isto é, como recomendações ou relações, ajuda no trabalho escolar ou ensino suplementar, informação sobre o sistema de ensino e as perspectivas profissionais. Na realidade, cada família transmite a seus filhos, mas por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo Ethos, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. A herança cultural, que difere, sobre os dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito. (*Idem, ibidem*, 2010, p.41-42).

O cinema como arte, vislumbra e aproxima o que a classificação social separa. Embora ainda não democrático, facilita através do *mass media* (meio de comunicação em massa) a disseminação de seus frutos. Há, atualmente, diversas formas de ver um filme, e com a democratização da internet, essa facilidade se tornou mais evidente, como o aumento dos streamings (canais *online* de filmes e séries)⁸.

Porém, mesmo com tantas opções para se escolher, grande parte da população recorre a meios ilícitos, como é o caso da pirataria⁹, que está relacionada a condição de ordem econômica e social. Embora não considerado correto e até ilegal, possibilitou e ainda possibilita a apropriação das classes desfavorecidas acesso a produções, as quais antes só se podia ter em uma sala de cinema, ou em épocas anteriores nas locadoras de filmes. Atualmente se tem acesso com “um clique”, pelos sites de busca na internet.

No mundo contemporâneo, há facilidade de assinar canais *on-line*, ou ver algumas produções pela TV aberta e em alguns sites da internet. Se tornou habitual ver a um filme, vídeo ou série em múltiplos espaços, mesmo que para alguns a sensação de estar em uma sala de cinema seja algo indescritível, a barreira quanto ao ato de assistir foi rompida com o avanço da tecnologia.

Segundo Fabris (2008, p.120-121) os filmes ajudam a conhecer a sociedade e contribuem para produzir significado. A autora esclarece que o ato de contar história (característico dos filmes), ao ser explorado de modo crítico, possibilita compreender os processos e os efeitos produzidos em cada cultura. As condutas de valores são as bases de uma sociedade, interferindo de modo direto na cultura, os problemas sociais estão interligados a forma de conduzir das entidades estatais. Que em uma sociedade neoliberal, segue os padrões dos grupos dominantes. Entender que devemos trabalhar desde a infância se torna necessário para mudança de certos paradigmas.

3.3 CINEMA E EDUCAÇÃO INFANTIL

No ebook *Currículo de Cinema para Escolas de Educação Básica*, Adriana Fresquet (2013, p.3) relata: “Sempre tive a sensação de que, ao assistir a alguns filmes, temos a possibilidade de escovar nossa vida a contra pelo, ampliando a

⁸Leia a notícia na revista *exame*: Pirataria de vídeo sai do controle com streaming e isolamento social (2021).

⁹ Ver o estudo de Prieto e Migliavaca (2015)

passagem da memória para a imaginação, pelas ideias afetadas por imagens e sons”. Isso nos sugere pensar, no cinema não só como diversão, mas como algo que intensifica nossa relação com o meio, auxiliando a desmistificar princípios e preconceitos criados. Não havendo apenas beleza nessas produções, alerta a autora, mas também horror e estranhamento, o que não muda a essência da arte, a busca por sentidos e as possibilidades que esses criam no processo educativo. Como também o ato de permitir que os seus apreciadores consigam entender a intencionalidade em seus traços, sons, formas, nos aspectos que dela permeia.

Desse modo, entende-se cinema como um dos espaços de construção e transformação, em que a educação se faz com o diálogo, mas também com provocações e inquietações, que são fundamentais na promoção de mudança.

Na infância, a curiosidade e a imaginação apresentam-se com mais ênfase, a capacidade de imaginar situações corriqueiras do mundo como algo extraordinário é bem comum nessa fase, para as crianças é fácil encontrar novas descobertas, para elas tudo é novo! Não há barreiras partindo dessa ótica que as impeçam de criar, imaginar e aprender.

Gilka Girardello (2011), no artigo *A Imaginação: arte e ciência na infância*, esclarece como a imaginação se relaciona com a infância. Segundo a autora, a criança se posiciona em sua relação com o mundo, e as coisas novas ressaltam o interesse e contribui para que a criança construa sua imaginação associada ao ato de descobrir, que é caracterizado por novas vivências, a partir do contato com a arte.

A imaginação é para a criança um espaço de liberdade e de decolagem em direção ao possível, quer seja realizável ou não. A imaginação da criança move-se junto— comove-se — com o novo que ela vê por todo o lado no mundo. Sensível ao novo, a imaginação é também uma dimensão em que a criança vislumbra coisas novas, pressente ou esboça futuros possíveis. Ela tem necessidade da emoção imaginativa que vive por meio da brincadeira, das histórias que a cultura lhe oferece, do contato com a arte e com a natureza, e da mediação adulta: o dedo que aponta, a voz que conta ou escuta, o cotidiano que aceita. (GIRARDELLO, 2011 p.76)

No que concerne aos filmes em sala de aula, devemos considerar como critério a forma que cada um participa. Rosália Duarte (2002, p.19) vem nos dizer que:

Parece ser desse modo que determinadas experiências culturais, associadas a uma certa maneira de ver filmes, acabem interagindo na produção de saberes, identidades, crenças e visões de mundo de um grande contingente de atores sociais. Esse é o maior interesse que o cinema tem para o campo educacional—sua natureza eminentemente pedagógica. (DUARTE,2002, p.19)

Cinema é conhecimento. A quantidade de assuntos que podem integrar em um diálogo sobre determinado filme é imensurável, pode-se falar de amizade, amor, ódio, medo, hipocrisia, política, sociedade, história de um povo ou de alguém importante. O cinema é a Arte que reúne através de um panorama a respeito de vários assuntos em geral, estes podem ser conectados na junção de diferentes formas artísticas como a música, literatura, imagem etc. Os professores, podem apreciar a um bom filme com seus alunos/as, e após dialogar sobre a riqueza cinematográfica, e sua trama bem construída, como também, nesse mesmo diálogo inserir alguns questionamentos, procurando relacioná-la com o assunto que se pretenda provocar, aproximando-os de seu entorno para possibilitar uma reflexão no

alunado associada às suas próprias experiências. “Ou simplesmente desconsiderar tudo e pensar em cinema ou em filme como ato de apenas assistir, ou mero passatempo, pois o professor precisa levar algo novo, e a escola é um lugar tedioso e cansativo”. Será mesmo que o cinema não tem mais do que entretenimento para oferecer?

De acordo com Paulo Freire (2011, p. 28) “O educador democrático não se nega o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão.” Portanto, na prática de um “educador democrático”, impulsionar os seus educandos para que desenvolvam sem preceitos criados, que regulem os sujeitos ao seu modo de pensar é um dever. Segue o autor afirmando que “é preciso trabalhar a rigorosidade metódica aproximando dos objetos cognoscíveis, sendo primordial proporcionar atividades que desenvolvam a capacidade crítica.” Ou seja, ensinar aproximando os aprendizes daquilo que já conhecem (*idem, ibidem* p.28).

É o dever de um bom professor/a também, instigar a curiosidade de seus alunos/as por meio de desafios e provocações que os leve a refletir. No caso do cinema, o professor/a pode reforçar a capacidade crítica na socialização de situações observadas no filme exibido, para que o aluno/a obtenha a aprendizagem de forma autônoma, atentando-se para uma discussão acerca dos elementos do cinema, o professor/a pode direcionar o entendimento do filme (sem aplicar suas concepções, pois poderia confundir-se com a realidade de seus espectadores diante das experiências, crenças e valores interiorizados). O espaço de debate é interessante de ser integrado após a exibição, pois dada a forma subjetiva com que os filmes vêm afetar individualmente o alunado, o debate poderia estabelecer uma espécie de relação entre os sujeitos e as diversas interpretações criadas durante a projeção do filme.

É nessa direção que caminha grande parte dos estudos destinados a investigar o papel do cinema. É inegável que as relações que se estabelecem entre espectadores, entre estes e os filmes, entre cinéfilos e cinema e assim por diante são profundamente educativas. O mundo do cinema é um espaço privilegiado de produção de relações de “sociabilidade”, no sentido que Simmel dá ao termo, ou seja, forma autônoma ou lúdica de “socialização”, possibilidade de interação plena entre desiguais, em função de valores, interesses e objetivos comuns. (DUARTE, 2002, p.17) [grifos do autor]

No livro *Múltiplas inteligências na prática escolar* (1999) é colocado como principal desafio da educação, a compreensão dos diferentes perfis intelectuais do educando, a formulação e execução de ideias (SMOLE,1999). Não basta o entendimento de que a sala é heterogênea, é preciso que cada um se desenvolva à sua maneira, sabendo também que as capacidades podem variar entre uma área e outra.

Na sala de aula, é fundamental trazer o sujeito como protagonista do seu próprio conhecimento, por meio da articulação das capacidades de cada um, entre a interação e a troca de saberes, proporcionando engajamento em sala de aula. Com isso, o aprendizado não se concentra apenas naquelas crianças que contêm certas experiências, pois ao interagir uns com os outros, isso não se torna determinante, nem os diferencia inferiorizando ou supervalorizando. Ao partilharem o conhecimento, a aprendizagem se torna múltipla e diversificada.

Dessa maneira, o professor/a pode orientar as ações educativas, de modo que seja desenvolvido o máximo do potencial de seus alunos/as, levando-os a

interagir uns com os outros, para ajudar em sua própria compreensão e facilitar o processo de construção de conhecimento. (SMOLE, 1999)

Assim, ao ver um filme as interpretações ocorreram de forma diversa, cabendo ao docente orientar as discussões para que todos possam se posicionar ativamente, para isso o trabalho do professor deve também se atentar para uma revisão intensificada em seu planejamento, saber o que se pretende alcançar ao levar algumas dessas produções para o espaço de sala de aula.

Nesse sentido, conhecer a linguagem cinematográfica se torna essencial para introduzir os filmes e os diferentes elementos da cinematografia em sua prática pedagógica, um processo que requer uma pesquisa aprofundada na área e um domínio das tecnologias, como também uma seleção cuidadosa, para então ser aplicada na metodologia. No entanto há formas variadas ao conduzir o audiovisual como metodologia, pois cada elemento da cinematografia permite amplas práticas educativas, dependendo muito da intenção que se quer conduzir o ensino. Ao desmembrar esses elementos (linguagem, movimento, cor, som, imagem, montagem etc.), dentro de um contexto pedagógico se vê uma amplitude de formas para a utilização do cinema como ferramenta de ensino e aprendizagem.

Segundo Ellsworth (2001) ao tratar sobre o conceito de *endereçamento*, termo que designa como o filme enxerga seu espectador, isto é, “quem esse filme pensa que você é?”, lança-se um modo de entender a natureza das relações de um texto cinematográfico, da forma com qual este pode estar ligado com a vivência de seu público, mediante a forma que o filme foi produzido. A autora esclarece de modo específico “a algo que está no texto do filme e que, então, age, de alguma forma, sobre seus espectadores imaginados ou reais, ou sobre ambos.” (ELLSWORTH, 2001, p.13).

Nas palavras de Fabris (2008, p.124), o conceito de endereçamento, compreende a “forma de interpelação”, a maneira como se convida o sujeito a assumir posições já determinadas, sendo fundamental para que se venha a constituir as identidades culturais. Como isso se relaciona com a educação? Através do ato perceptivo do educador em levar para sala de aula, um espaço dinâmico, que coopere com a diversidade de mentes e explore seus modos de ensinar. Por exemplo: No planejamento é definido a meta que se propõe alcançar com cada aula, designada a um público e a tipos de habilidades que o assunto pode desenvolver nos educandos, tudo isso relaciona-se ao “modo de endereçamento”, trazendo o conceito para a educação. Mas, se faz necessário compreender o cotidiano escolar e a flexibilidade do ato pedagógico em se adequar a diferentes situações sociais, que ao depender do educador e do educando, podem levar a rumos diversos. Pensar na parte pedagógica do conceito de endereçamento dinamiza o ensino e nos oferece as condições próprias para sua aplicação.

O cinema pode ser usado de diferentes formas na educação. A importância para a infância se dá através dos estímulos que as imagens proporcionam para a imaginação das crianças, colaborando por meio do apelo visual em propiciar o acúmulo de experiência, que vem facilitar a capacidade imaginativa na representação da realidade. Como esclarece, Vigotski, em seu ensaio (2009, p.23):

A conclusão pedagógica a que se pode chegar com base nisso consiste na afirmação da necessidade de ampliar a experiência da criança, caso se queira criar bases suficientemente sólidas para a sua atividade de criação. Quanto mais a criança viu, ouviu e vivenciou, mais ela sabe e assimilou; quanto maior a quantidade de elementos da realidade de ela dispõe em sua experiência -sendo as demais circunstâncias as mesmas-, mais

significativas e produtiva será a atividade de sua imaginação. (VIGOTSKI,2009, p.23)

A experiência colabora para apreciação e a imaginação, com a possibilidade de criar a partir de sua realidade; constrói vivências em seu seio cultural. No Brasil, podemos falar da iniciativa da Escola Semente Cinematográfica de Educação Audiovisual (2014-2021) que com o intuito de desenvolver ações voltadas para o cinema nas escolas, através do ato de criação, colaborou por cultivar o interesse de educadores para uma formação mediante a linguagem cinematográfica para complementar suas metodologias.

No site do projeto há filmes feitos com ajuda da comunidade e a ela dirigido, visando a preservação das vivências e da cultura local. A plataforma se consolidou no ano de 2021 como uma escola digital, e tem parceria de diversos projetos para a formação audiovisual de professores, que conta com cursos *on-line* e promoção de eventos com a temática do cinema na escola. A Rede Kino é um desses parceiros, contribuindo também para a disseminação de novas ideias no que tange ao audiovisual para formação da docência. (SEMENTE, 2022)

Como também, no canal de Youtube¹⁰, se tem acesso a inúmeras palestras e discussões acerca do cinema na escola e experiências nesse espaço. Os filmes também estão disponíveis por meio dessa plataforma, e podem ser acessados gratuitamente. Essa iniciativa é um ótimo exemplo de que é possível sim, levar o cinema para o âmbito escolar como ferramenta de transformação e aprendizagem.

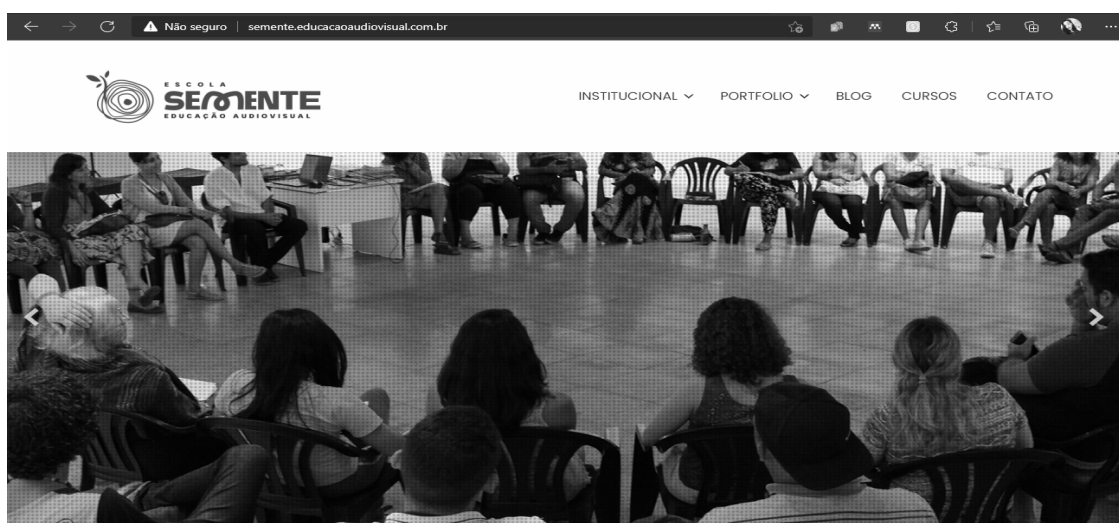


Figura 3 Página inicial do site Semente Cinematográfica - Escola de Educação Audiovisual, 2021.
Fonte: <https://semente.educacaoaudiovisual.com.br>.

Outra iniciativa voltada para a formação do audiovisual é da Rede Emancipa, com o cinemacipa - escola de formação de cineastas populares, esta da qual fiz parte, participando de um de seus cursos organizado pelo projeto de extensão Edupolítica: Introdução ao Documentário (2021).¹¹ No curso foram estudados os

¹⁰ Ver o Canal do Youtube Semente-Escola de educação Audiovisual (2017).

¹¹ Acesse o site da Rede Emancipa. E veja a respeito do curso de introdução ao documentário (2021) em: <https://vidasurgentes.redeemancipa.org.br/cinemacipa/>.

elementos que compõem a produção de filmes e suas especificidades, através da criação de curtas e desenvolvimento de atividades de proposta de roteiro entre outras, com avaliação de professores, roteiristas e cineastas conhecidos. Com duração de 36 horas, tive uma breve experiência de como é fazer cinema-documentário e o quão importante é a cultura e o valor desta, para trazer sentido ao ato criativo que é produzir um filme.

Conforme Rosália Duarte (2002, p.21), compreender a pedagogia do cinema é fundamental para o uso de seus recursos e estratégias de forma efetiva (linguagem cinematográfica e a história do cinema).

Pensamos que, estudar o cinema tem relevância, pois compreendemos a importância dessa arte e precisamos refletir as mudanças que essa prática poderia resultar para a sociedade como um todo, frente aos debates atuais. A relação entre o cinema e a educação sempre existiu, pois diferente da escolarização, a educação está além dos muros da escola.

Perceber como funciona essa pedagogia do cinema é e ainda será um desafio, pois é preciso ir além da forma usual de exibir filmes em sala de aula. Enfim, deve-se compreender o lugar da arte cinematográfica para o espaço de criação que é a sala de aula, no dinamismo do cotidiano das escolas, na busca pela valorização do protagonismo infantil.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender o processo de construção de uma consciência crítica a partir da identidade cultural não é fácil, mas, se constitui um dos objetivos de educar. Há a necessidade de aprofundamento de práticas que viabilizem a cultura, explorando por meio da arte, formas de aproximar os alunos/as desse conhecimento, dado a realidade da educação e da forma como lidam com a cultura do país.

O sistema educacional pode ser o instrumento reprodutor nesse contexto, ao ignorar o “chão da escola”, limitando a entender a educação e a cultura a partir do olhar distante, dissociado da realidade de seus alunos e da comunidade. Convém destacar que o cinema é fruto da produção humana, e nesse sentido, pode trazer o fundamento cultural e necessário para a noção de pertencimento dentro da sociedade.

Focar no ato criativo, corrobora para maior imersão na experiência de assistir, pois não limita, ao contrário, permite aos estudantes refletirem e explorarem sua imaginação. Então, mesmo que sejam iniciativas pequenas, como levar filmes para sala de aula, ou explicar como funciona cada elemento para a produção de um curta ou longa metragem, pode tornar-se gigante, sendo o primeiro passo para entender como funciona a mágica do cinema. Possibilitar às crianças esta experiência, desde cedo é primordial para esse processo de apropriação. Mesmo sem os recursos materiais, a não disponibilidade torna tudo mais desafiador, pois o educador precisa reinventar seus métodos e não se limitar por falta de recursos.

A democratização da internet contribui para isso de forma boa e ruim. Boa no sentido de aproveitamento do espaço em sua amplitude de informações e conteúdos disponíveis, e ruim na maneira como esse espaço for conduzido, isto é, sem supervisão ou restrições, acarretando muitas das vezes em um emaranhado de informações vazias, sem que haja a mediação adequada. Por isso, conseguir conciliar a tecnologia e o planejamento deve sempre estar amparado numa formação adequada para o bom manejo desses meios, seja pelo professor ou aluno.

Compreende-se que, o cinema além de fazer parte deste cenário, se torna um meio indispensável para mudança, e levá-lo para o cotidiano escolar implica em criar condições para que os alunos/as se posicionem, pois como sabemos, eles/as não são meros receptores de conhecimento, mas propagadores de experiências, estas possíveis de serem vivenciadas dentro do espaço escolar e fora dele, como podemos observar pelos autores aqui discutidos.

Com isso, na tentativa de evidenciar a prática cinematográfica como forma de formação crítica, ressalta a importância e todo o processo que a imagem em movimento pode permitir. Ao conhecermos iniciativas como da Semente, Rede Kino, entre outras, podemos vislumbrar uma nova direção para o ensino do audiovisual. O aspecto cultural se torna ponto forte, para a valorização das raízes e dos laços que cada aluno/a carrega consigo.

Aceitar suas origens é fundamental para a preservação da identidade de um povo, bem como destacamos a necessidade de formação contínua e permanente dos educadores; com o domínio tanto da tecnologia quanto do conhecimento a respeito da arte cinematográfica é peça chave para uma educação nos dias atuais. De modo, que aproxime os educandos desde cedo da arte, por meio da abordagem prática, com o uso de artifícios lúdicos diversos. Vale dizer que, o trabalho não abordou o cinema e a infância em sua totalidade, mas, apontou aspectos relevantes, dignos de reflexão e estudo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rogério de. CINEMA E EDUCAÇÃO: FUNDAMENTOS E PERSPECTIVAS. Educação em Revista [online]. 2017, v. 33. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-4698153836>. Acesso em: 19 jun. 2022.

ARISTÓTELES, 384 a. C-399. **Poética e tópicos I, II, III e IV**. São Paulo: Hunter Books, 2013.

BERNARDET, J. C. O que é cinema? In: ROSSI, C. KNAPP, W. BERNARDET, J. C. **O que é jornalismo, editora, cinema?** 1 ed. São Paulo: Círculo do livro, 1990. E-book. Disponível: <https://www.academia.edu/3746096>. Acesso em: 19 de jul. 2022

BOURDIEU e educação. Direção de Regis Horta. Produção de Nathalia Godoy. Roteiro: Rosário Genta Lugli. [S.l.]: Atta Mídia e Educação, [c a 2010]. (32 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4O7TET2IGHs&t=20s>. Acesso em: 05 jul. 2022.

BOURDIEU, P. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A. CATANI. Afrânio (orgs). **Escritos de educação**. Petrópolis, Vozes, 2010. Cap. 2, p. 39-64.

BRASIL. **Lei no 13.006, de 26 de junho de 2014**. Acrescenta o § 8º ao art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Brasília, DF, 27 jun. 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm. Acesso em: 28 jul. 2022.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, [1986]. E-book. Disponível em: <https://document.onl/documents/conformismo-e-resistencia-aspectos-da-cultura-popular-no-brasil-marilena-chauipdf.html?page=6>. Acesso em: 19 jul. 2022.

CINEMANCIPA. escola de formação de cineastas populares. **Rede Emancipa**, 2021. Disponível em: <https://vidasurgentes.redeemancipa.org.br/cinemancipa/> Acesso em: 28 jul. 2022

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DA CRUZ, L. R.; GUARESCHI, N. M. de F. MODOS DE ENDEREÇAMENTO E A RECEPÇÃO DO TEXTO CINEMATOGRAFICO. **Psicologia Argumento**, [S. l.], v. 25, n. 49, p. 197–206, 2017. Disponível em: <https://pucpr.emnuvens.com.br/psicologiaargumento/article/view/20147>. Acesso em: 19 jun. 2022.

ELLSWORTH, Elisabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Nunca Fomos Humanos: nos rastros do sujeito**. Tradução de Tomaz T. da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ESTOU me guardando para quando o carnaval chegar (Original). Direção de Marcelo Gomes. Produção de João Vieira Júnior, Nara Aragão, Ernesto Soto, Chico Ribeiro, Marcelo Gomes, Ofir Figueiredo. Roteiro: Marcelo Gomes. 2019. (86 min.), son., color. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81180842>. Acesso em: 16 jul. 2022..

FABRIS, E. H. Cinema e Educação: um caminho metodológico. **Educação & Realidade**, v. 33, n. 1, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/6690>. Acesso em: 19 jun. 2022

FRESQUET, Adriana. (org.). **Currículo de Cinema para escolas de educação Básica**. Rio de Janeiro: UFRJ. 2013. E-book. Disponível em: http://www.educacao.ufrj.br/wp-content/uploads/2018/12/curriculo_cinema.pdf Acesso em: 19 jun. 2022.

_____. (org.). **Cinema e Educação: lei 13.006. Reflexões, perspectivas e propostas**. Universo produções. 2015. E-book. Disponível em: https://www.academia.edu/21912384/Cinema_e_educacao_a_lei_13_006_Reflexoes_perspectivas_e_propostas . Acesso em: 19 Jun. 2022.

FREIRE, Paulo. Prática docente: primeira reflexão In: _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011. Cap.1, p. 23-41.

GIL. Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GIRARDELLO, Gilka. **Imaginação: arte e ciência na infância**. Pro-Posições [online]. 2011, v. 22, n. 2 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072011000200007>. Acesso em: 19 Jun. 2022.

GREGIO, Gustavo Batista, PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Estado e cinema: A produção cinematográfica na Era Vargas**. Cordis. Dimensões do Regime Vargas, São Paulo, n. 18, 2017. p. 82-119. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/cordis/article/view/39710/26884>. Acesso em: 02 ago. 2022.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica**. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

NOGUEIRA, M. A. CATANI. Afrânio (orgs). **Escritos de educação**. Petrópolis, Vozes, 2010.

O AUTO da compadecida. Direção de Guel Arraes. Produção de Eduardo Figueira, Andrea Comodo e Gustavo Nielebock. Roteiro: Ariano Suassuna, Guel Arraes, Adriana Falcão e João Falcão. [S.I.]: Rede Globo, 2019. (160 min.),son.,color. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/o-auto-da-compadecida-a-serie/t/C5RbgKhV5L> Acesso em: 16 jul. 2022.

PLATÃO. **República**. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

PRIETO, Vanderli Correia; MIGLIAVACA, Guilherme. **Tomada de decisão de compra de DVDs de filmes piratas: estudo com aplicação de regressão logística**. Production [online]. 2015, v. 25, n. 4 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6513.029411>. Acesso em: 16 Jul. 2022

Quem somos. **Semente - Escola de educação audiovisual**, 2022. Disponível em: <https://semente.educacaoaudiovisual.com.br/>. Acesso em: 28 jul. 2022.

SMOLE, Kátia Cristina Stocco. **Múltiplas inteligências na prática escolar**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 1999.

STIVAL, Maria Cristina Elias Esper; FORTUNATO, Sarita Aparecida de Oliveira. **Dominação e Reprodução na Escola: Visão de Pierre Bourdieu**. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/676_924.pdf (bruc.com.br). Acesso em: 28 fev.2022.

VIGOTSKI, Lev S. Imaginação e realidade. In: _____ . **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico**. São Paulo-SP: Ática; 2009. Cap 2, p. 19-34.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe (Gilma B. M. da Silva), por sempre me incentivar, me dando força para nunca desistir de meus objetivos. Estando presente durante todo o caminho que percorri até aqui. Que esta conquista seja a sua, mãe, te amo!

A meu pai (João de Deus M. da Silva), pelo apoio nos momentos de necessidade.

As professoras da minha infância (Aline e Joelma), que me inspiraram a ser uma pessoa criativa e amável.

Aos meus amigos e amigas (Juliana Moreira, Ana Caroline, Bruno Vinicius, Luciana Pereira, Simone Alves, Gesiane Ribeiro, Rayane Guedes, Maria do Livramento, Maria Gabrielly, Francisco Junior, Anderson Miller, Ana Paula e Anderson Evaristo) que estiveram ao meu lado, me dando conselhos e me apoiando nos momentos de aflições e dúvidas na escrita deste trabalho, mas também, durante minha trajetória como estudante do curso de pedagogia.

A meu namorado e amigo (Matheus Sobral), por todo carinho e paciência, também por reacender minha paixão pela arte cinematográfica.

Aos meus pintores favoritos (Vincent Willem Van Gogh, Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón, Salvador Domingo Felipe Jacinto Dalí, Alessandro di Mariano di Vanni Filipepi, Leonardo di Ser Piero da Vinci) por permitirem experienciar as mais profundas sensações e emoções com suas magníficas obras e por me proporcionar a identificação com a luta individual de cada um/a, ao conhecê-los a partir de sua arte, agregando valor imaterial em minha prática docente.

Ao George Méliès, por me fazer enxergar o cinema bem além dos limites do possível, redescobindo o meu modo de ver algo, acreditando no cinema de forma sensível e apaixonada, o que possibilitou cultivar a minha apreciação pelo cinema.

A minha orientadora, prof.^a Rita de Cássia da Rocha Cavalcante, por inúmeras vezes permitir dá voz a minhas inseguranças, me ajudando a lidar com elas, como também a enfrentá-las. A essa pessoa querida, que desde o começo da minha trajetória como estudante de Pedagogia, em suas aulas sempre trouxe leveza, ensinamentos e aprendizados. Gratidão!